



HORROR NO ORIENTE MÉDIO

# Esforço diplomático contra a guerra

Em conversa com o presidente de Israel, Lula coloca país à disposição para “encontrar um caminho” rumo à paz e apela por um corredor humanitário na Faixa de Gaza. Hoje, em reunião convocada pelo Brasil, Conselho de Segurança da ONU tratará do conflito

» VÍCTOR CORREIA

Em mais uma iniciativa para reposicionar o Brasil no cenário internacional, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva conversou, ontem, com o presidente de Israel, Isaac Herzog, e defendeu a busca por uma solução para a guerra no Oriente Médio. O petista disse ao dirigente israelense que “o Brasil está à disposição para tentar encontrar um caminho para a paz”.

Lula também fez apelo por um corredor humanitário “para que as pessoas que queiram sair da Faixa de Gaza pelo Egito tenham segurança”.

O chefe do Executivo informou sobre a conversa Herzog em postagem nas redes sociais. “Reafirmei a condenação brasileira aos ataques terroristas e nossa solidariedade com os familiares das vítimas. Solicitei ao presidente todas as iniciativas possíveis para que não falte água, luz e remédios em hospitais”, ressaltou o chefe do Executivo. “Não é possível que os inocentes sejam vítimas da insanidade daqueles que querem a guerra.” O petista também agradeceu a Israel pelo apoio para a retirada dos brasileiros que desejam retornar ao país.

Em outra frente, o ministro das Relações Exteriores, Mauro Vieira, vai comandar, hoje, a reunião do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU), convocada pelo Brasil, para discutir a guerra. O encontro, em Nova York, começa às 15h (16h no horário brasileiro).

“Na pauta do evento, a situação humanitária na Faixa de Gaza, ameaças à segurança e à paz mundial e desdobramentos do

Ricardo Stuckert



Lula após a conversa com o presidente de Israel: primeira foto do chefe do Executivo desde a cirurgia no quadril, em 29 de setembro

conflito no Oriente Médio”, diz nota divulgada pela Presidência da República.

O Palácio do Planalto também destacou o apelo feito por Lula, na quarta-feira, direcionado ao secretário-geral da ONU, António Guterres, e à comunidade internacional, em defesa das crianças palestinas e israelenses.

A intenção é que os países integrantes do Conselho cheguem a um acordo para a criação de corredores humanitários pelos

quais civis possam ser retirados da Faixa de Gaza e pela libertação dos reféns capturados pelo Hamas.

O Brasil preside o Conselho neste mês, portanto, é responsável pela agenda do grupo e pela convocação dos encontros. É preciso, porém, autorização dos cinco membros permanentes: China, Estados Unidos, Rússia, França e Reino Unido. Mauro Vieira cumpria agenda no Camboja e seguiria para as Filipinas,

mas alterou a programação para estar em Nova York.

Esta será a segunda reunião de emergência do Conselho convocada pelo Brasil para discutir a situação da guerra. A primeira ocorreu a portas fechadas no último domingo, mas não houve consenso entre as nações para a divulgação de um comunicado conjunto. Na quarta-feira, a comissão da ONU que acompanha o conflito emitiu uma nota afirmando que há indícios de

crimes de guerra cometidos tanto pelo Hamas quanto pelas forças israelenses.

## Hamas

O Itamaraty informou, ontem, que o Brasil segue as determinações da ONU sobre a classificação de grupos terroristas. A declaração ocorre em meio a pressões internas e externas para que o governo federal chame o grupo fundamentalista islâmico Hamas, da



**Reafirmei a condenação brasileira aos ataques terroristas e nossa solidariedade com os familiares das vítimas”**

**Luiz Inácio Lula da Silva,**  
presidente da República

Palestina, de terrorista. Segundo a pasta, seguir a recomendação da entidade habilita o país a participar de negociação pela paz em conflitos, como o que ocorre agora no Oriente Médio.

Na nota, o Itamaraty citou grupos classificados pela ONU como terroristas, casos do Estado Islâmico (ou ISIS) e da Al-Qaeda. Também ressaltou que o governo está comprometido com a solução pacífica para a guerra entre Israel e o Hamas.

“Em aplicação dos princípios das relações internacionais previstos no Artigo 4º da Constituição, o Brasil repudia o terrorismo em todas as suas formas e manifestações”, enfatizou o Itamaraty. “No tocante à qualificação de entidades como terroristas, o Brasil aplica as determinações feitas pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas, órgão encarregado de velar pela paz e pela segurança internacionais, nos termos do Artigo 24 da Carta da ONU”, acrescentou.

## NAS ENTRELINHAS



**Por Luiz Carlos Azedo**  
luizazedo.df@dabr.com.br

## Gaza, Einstein e Freud quando quase todos perdem a razão

Como acontece em toda guerra, são inevitáveis as comparações. No caso do brutal ataque de surpresa do Hamas a Israel, a comparação com o ataque da Al-Qaeda às Torres Gêmeas, em Nova York, no 11 de setembro de 2001, serve de argumento para o apoio incondicional dos Estados Unidos à implacável retaliação do Exército de Israel à Faixa de Gaza, onde a maioria das vítimas são crianças, mulheres e idosos, como também aconteceu no ataque de surpresa do Hamas ao território israelense.

Estou entre os que preferem comparar o ataque do Hamas à ofensiva do Tet Lunar (ano novo) dos vietcongues e do Exército do Vietnã do Norte, que surpreendeu o Exército dos Estados Unidos em 30 de janeiro de 1968. Durante sete dias, os guerrilheiros comunistas ocuparam Saigon. A ofensiva foi um desastre militar,

não provocou um levante popular nem destruiu o Exército do Vietnã do Sul. Mas teve um efeito devastador na opinião pública dos Estados Unidos e mundial, decidindo o destino da guerra.

Entretanto, quem acompanha as imagens na Faixa de Gaza, do ponto de vista estritamente militar, o chamado teatro de guerra tem muito mais a ver com a Batalha de Stalingrado, na Segunda Guerra Mundial, do que com a sangrenta batalha de Hué, durante a Guerra do Vietnã, vencida pelos mariners. Manobrar em campo aberto, encostas e zonas rurais é muito diferente do combate numa cidade destruída por bombardeios, mas na qual a resistência se mantém rua por rua, prédio a prédio, andar por andar, dentro dos porões e galearias subterrâneas, como aconteceu em Stalingrado. Esse é o cenário

que o Exército israelense encontrará pela frente se entrar em Gaza antes de um cessar-fogo ou da rendição do Hamas.

Como na Faixa de Gaza, em Stalingrado, os civis passaram sede, fome e frio, sem energia e combustível, mas o Exército soviético foi orientado a resistir até o último homem. No final, o cercou o Exército alemão, que se rendeu, fazendo 200 mil prisioneiros. Mas morreram 2 milhões de pessoas. Em Stalingrado, o major-general Vassily Chuiikov adotou uma “defesa ativa”, ou seja, nunca perdeu a iniciativa.

O que mais aterrorizava as tropas alemãs eram pequenas unidades de combate, que denominou de “porco espinho”, com um franco-atirador e equipada com um morteiro e uma metralhadora. Essas unidades se escondiam nos escombros, deslocavam-se à

## METADE DA POPULAÇÃO DA FAIXA DE GAZA TEM MENOS DE 17 ANOS, QUAL SERÁ O FUTURO DAS CRIANÇAS E DOS JOVENS QUE SOBREVIVEREM À NOVA TRAGÉDIA PALESTINA?

noite e atacavam de surpresa e se evadiam, quando possível. Não existe a menor possibilidade de derrota militar de Israel pelo Hamas, mas esse é o tipo de combate que o Exército israelense encontrará nas ruínas de Gaza, se invadi-la.

### Por que a guerra?

A reação de Benjamin Netanyahu, na Faixa de Gaza, até agora obedece a objetivos estritamente militares, e não humanitários. Isso fará com que os ânimos se acirrem ainda mais no mundo árabe e cresçam os questionamentos na opinião pública mundial e israelense quanto à escala da retaliação. Metade da população da Faixa de Gaza tem menos de 17 anos, qual será o futuro das

crianças e dos jovens que sobreviverem à nova tragédia palestina?

Albert Einstein e Sigmund Freud entram nessa história porque uma famosa troca de cartas entre o autor da Teoria da Relatividade e o criador da psicanálise circula nas redes sociais. Em 1932, Albert Einstein, em nome do Instituto Internacional para a Cooperação Intelectual, pertencente à Liga das Nações, enviou uma carta para Freud, na qual fez a seguinte pergunta: existe alguma forma de livrar a humanidade da ameaça da guerra?

Einstein tinha esperança de que Freud sugerisse métodos educacionais que promovessem a paz. Em vez de dar soluções, Freud preferiu destrinchar o problema. Destacou a relação entre direito, poder e violência.

Assinalou que a dominação sempre esteve em poder daquele que detivesse um poder maior, seja pela violência bruta, seja pela violência apoiada no intelecto. Detentores de poder se colocam acima dos demais, e os oprimidos tentam se pautar em uma justiça igual para todos, argumentou. Para Freud, as guerras somente serão evitadas se a humanidade se unir para estabelecer uma autoridade central a que lhe será conferido o direito de arbitrar todos os conflitos, tese que hoje fundamenta a existência da ONU.

“Por que o senhor (diz Freud), eu e tantas pessoas nos revoltamos tão violentamente contra a guerra? Penso que a principal razão por que nos rebelamos contra a guerra é que não podemos fazer outra coisa. Somos pacifistas porque somos obrigados a sê-lo, por motivos orgânicos, básicos”, escreveu. “Ora, a guerra se constitui na mais óbvia oposição à atitude psíquica que nos foi inculcada pelo processo de civilização, e por esse motivo não podemos evitar de nos rebelar contra ela; simplesmente não podemos mais nos conformar com ela”, completou Freud.